

Educação musical para surdos: um estudo exploratório dos trabalhos produzidos no Brasil e o trabalho desenvolvido por uma instituição inglesa

Wilson Robson Griebeler

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
xinhomontenegro@yahoo.com.br

Regina Finck Schambeck

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
regina.finck@udesc.br

Resumo: O presente artigo é parte da pesquisa em andamento, do curso de mestrado em Música, onde em um primeiro momento buscou-se verificar os projetos, metodologias e bibliografias existentes no Brasil e, a partir disso, observar as formas como as atividades musicais envolvendo pessoas surdas eram realizadas. Entretanto, não sendo possível observar pessoalmente nenhum projeto realizado no Brasil, houve a necessidade de pesquisar metodologias e projetos existentes em outros países, surgindo assim o contato com a *Music and the Deaf* (MATD), instituição situada na Inglaterra e que apresenta um trabalho consolidado e uma metodologia que já vem sendo aplicada há muitos anos em espaços onde existem alunos surdos e, também em situações onde existem além dos surdos, a presença de alunos ouvintes, o que auxilia ainda mais os educadores musicais no que diz respeito à realização de atividades que busquem incluir todos os alunos presentes em sala de aula, sejam surdos ou ouvintes. Até o momento da realização deste artigo, já foi possível observar similaridades em algumas atividades realizadas no Brasil e na Inglaterra e, também, perceber conteúdos que exigirão maior empenho por parte do educador durante a elaboração e realização das atividades para que ocorra melhor entendimento por parte dos alunos envolvidos.

Palavras chave: Música para surdos. Educação Musical. Surdez. Deficiência auditiva. Educação Especial.

A educação musical para surdos no Brasil: projetos, metodologias e bibliografia existentes

Em primeiro momento, ao iniciar esta pesquisa de mestrado, objetivou-se investigar a bibliografia existente no Brasil que, tratasse do tema música e surdez, bem como conhecer os projetos destinados ao ensino de música para surdos e as metodologias por estes utilizadas.

Para tanto, foi feito um levantamento junto ao banco de teses e dissertações da CAPES e, anais e revistas da ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música) e ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), acerca da temática música e surdez, para que pudesse ser observada a produção existente acerca da temática

música e surdez. Neste levantamento constatou-se a existência de alguns trabalhos que versam sobre música e surdez, entretanto, na maioria destes casos, pertencentes a outras áreas que não propriamente a educação musical. Podemos citar como exemplos, trabalhos voltados às áreas de educação, educação especial, psicologia, fonoaudiologia, psiquiatria, artes plásticas/visuais, letras, filosofia, educação física, entre outros. Dentre estes, várias eram as temáticas abordadas, como poluição sonora, papel da linguagem no desenvolvimento de crianças surdas, música e psicanálise, estudos de percepção musical para surdos e cegos e musicalidade e ensino de música ao educando surdo.

Cabe salientar também que, nos últimos anos fica evidente o crescimento de pesquisas voltadas para a educação musical de pessoas surdas, como nos casos das teses de Luiz (2008) e Finck (2009) e, os artigos de Fiocruz e Magalhães (2011), Pereira (2004), Silva (2008) e Finck (2007, 2008). Já com relação a livros existentes que tratem da temática música e surdez, ainda verificamos apenas a publicação da fonoaudióloga Nadir Hagiara-Cervellini (2003), intitulada “A musicalidade do surdo: representação e estigma”.

Entretanto, mesmo com este aparente crescimento nas pesquisas relacionadas à educação musical de surdos, podemos mencionar Joly (2009) ao dizer que, quando pensamos em materiais didáticos, propostas de procedimento e métodos que visem a educação musical destinada a este público, verificamos a existência de um acervo considerável, porém, o que não ocorre é a aplicação e utilização do mesmo na educação especial. E quando levamos em conta apenas diretamente a questão da educação musical para surdos, verificamos que esta aplicabilidade ocorre ainda em menor escala. Podemos atribuir esta situação ao fato de que muitas pessoas, dentre elas educadores musicais, consideram que surdos não podem ou até mesmo não querem ter contato com a música, privando-se assim das aulas de música.

Entretanto, podemos lembrar de Lulkin (1998) e também de Sá (2002) ao salientarem que nunca poderemos generalizar o fato do surdo gostar ou não de música. Assim como entre os ouvintes existem pessoas que não gostam de música, também entre os surdos existem aqueles que gostam e, também, aqueles podem até mesmo odiar a música. O que será um fator decisivo no momento de trabalharmos com estes educandos, será o fato de levarmos em consideração suas bagagens culturais, principalmente buscando o respeito pelas características e peculiaridades apresentadas pela comunidade surda, que obviamente tem algumas diferenças com relação a comunidades compostas prioritariamente por ouvintes.

A partir deste levantamento e, ainda com muitas dúvidas sobre como ministrar aulas de música para pessoas surdas, percebemos a necessidade de uma busca por novas fontes de informações, priorizando o contato com projetos existentes no Brasil que envolvam pessoas surdas em suas práticas musicais.

A primeira fonte de pesquisa foi a internet, onde através de sites de busca verificou-se a existência de materiais que falavam sobre os projetos Surdodum, Ab'Surdos, Batuqueiros do Silêncio e Música do Silêncio.

Após a verificação da existência destes projetos e um estudo do material disponibilizado por estes em seus sites oficiais e, também em outros sites que apresentavam entrevistas e matérias sobre os mesmos, foi feito o contato via e-mail com os projetos mencionados, com exceção do projeto Ab'Surdos, pois neste já existia uma pesquisa sendo realizada por outra aluna do mesmo programa de pós-graduação ao qual estamos vinculados, evitando-se assim a possível repetição de informações e dados sobre este projeto. Desta forma, objetivamos o contato com os outros projetos mencionados, para que houvesse também um conhecimento de projetos e atividades diferenciadas.

Infelizmente, após alguns contatos por e-mail, na tentativa de ir pessoalmente visitar os projetos e verificar suas práticas, isto não foi possível, pois segundo os seus idealizadores, já existiam outras pessoas pesquisando ou muitas outras atividades ocorrendo e, desta forma, não poderiam dar a atenção necessária a esta pesquisa. Mesmo insistindo algumas vezes, a possibilidade de conhecer pessoalmente os projetos, como pesquisador e educador musical, não foi viabilizada. Sendo assim, novas formas foram buscadas, até chegarmos ao contato de uma instituição com sede na Inglaterra, que realiza atividades de educação musical para surdos há mais de vinte e cinco anos.

Educação Musical para surdos em uma instituição inglesa: um pouco do trabalho desenvolvido pela MATD

A *Music and the Deaf* (MATD) é uma instituição que surgiu em 1988, com sede na Inglaterra. Fundada por Paul Whitaker que, também é surdo profundo, esta instituição tem também o objetivo de auxiliar outros profissionais a trabalharem com educação musical para surdos de forma satisfatória. Sendo assim, alguns manuais e métodos são produzidos e comercializados por esta instituição, trazendo ideias de atividades e também relatando um pouco das experiências já vivenciadas em sala de aula. Como foi mencionada a questão da

surdez profunda apresentada por Paul, antes de seguirmos adiante, cabe lembrarmos que na Legislação Federal Brasileira, o termo empregado ao referir-se à surdez é deficiência auditiva. O Decreto 3.298, de 20/12/1999, em seu artigo 4º, define deficiência auditiva como sendo:

[...] perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando de graus e níveis na forma seguinte:

- a) De 25 a 40 decibéis (db) – surdez leve;
- b) De 41 a 55 decibéis (db) – surdez moderada;
- c) De 56 a 70 decibéis (db) – surdez acentuada;
- d) De 71 a 90 decibéis (db) – surdez severa;
- e) Acima de 91 decibéis (db) – surdez profunda. (BRASIL, 1999)

Podemos desta forma, verificar que quando falamos em surdos, estamos incluindo nesta nomenclatura pessoas com diferentes níveis de perda auditiva.

E neste artigo serão abordados brevemente alguns pontos mencionados na apostila denominada “*Unlocking the National Curriculum: Keys to Music with Deaf Children - Keys Stages 1 and 2 (with lessons for Reception)*” que, segundo seus idealizadores, serve tanto para turmas compostas somente por alunos surdos, independentemente do número de alunos presentes nesta, como também para turmas mistas, onde haja a presença de surdos e também de ouvintes.

Segundo Paul Whitaker, além de levar educação musical para pessoas surdas em vários locais, a MATD também tornou-se uma fonte de apoio para pais de crianças surdas e professores que trabalham ou trabalharão com alunos surdos. Como eram seguidamente questionados sobre como ministrar aulas de música para crianças surdas, levando em conta o currículo nacional deste país no que dizia respeito à Educação Musical, foi iniciado este projeto, visando auxiliar a estes professores para que ocorresse a inclusão satisfatória de alunos surdos nas aulas de música por ele ministradas. Paul ainda ressalta que estas atividades foram pensadas e organizadas de forma simples, priorizando professores não-especialistas e dando ênfase às fases curriculares nacionais 1 e 2, mas também trazendo uma outra apostila anexa, contendo materiais pensados para os alunos integrantes das turmas de “*Reception*”. Segundo documentos disponibilizados no site do Departamento de Educação da Inglaterra, “*Reception*” é o primeiro ano escolar, podendo o aluno ingressar aos quatro anos de idade; *Key Stage 1* é a fase que vai do primeiro ao segundo ano e; *Key Stage 2* compreende do

terceiro ao sexto ano escolar. Assim é formulada a estrutura de uma escola primária na Inglaterra.

Para chegar ao material abordado neste artigo, Paul Whittaker realizou oficinas em algumas escolas do norte da Inglaterra, por um período de seis meses. No decorrer destas oficinas, sempre manteve-se aberto a sugestões de alunos, pais e professores. Além disso, criou também uma espécie de avaliação das atividades desenvolvidas em sala de aula, para que todos os atores atuantes nas mesmas pudessem opinar sobre tudo que estava ocorrendo neste espaço.

Neste período de atuação de Paul, os professores foram incentivados a usar essas atividades e ideias em suas práticas de sala de aula, podendo desta forma, avaliar os pontos que consideravam fortes neste sistema de ensino e a sua adequação a estas turmas.

Além disso, todo o material foi pensado principalmente para facilitar a atuação de professores não-especialistas, como mencionado anteriormente, com o intuito de incentivá-los assim a utilizarem a música em suas aulas e, propiciando desta forma, o contato de todos os alunos com a música, pois como diz Paul, todos podem (e devem) desfrutar de música.

No decorrer da realização destas atividades e, também, nas dúvidas e questionamentos que chegaram até Paul e à MATD, foi percebido que os professores se sentem bastante preocupados em como proceder para incluírem alunos surdos em suas aulas de música, já que esta atividade faz parte do currículo obrigatório inglês.

Como resposta a estas dúvidas, além desta apostila, outras já foram elaboradas, levando em consideração, como ponto de partida, o currículo nacional implementado na Inglaterra.

Segundo os relatos de Paul e também de outros professores envolvidos nestas oficinas, alguns pontos precisam ser pouco adaptados para a realização do trabalho com crianças surdas, enquanto outros exigirão atividades mais pensadas e elaboradas para que se chegue ao objetivo pretendido com os alunos surdos. Dentre estes pontos aos quais há a necessidade de se lançar um olhar mais atento, podemos citar a avaliação destes alunos surdos e também a questão da escuta.

Levando em consideração as dificuldades encontradas nestes trabalhos “experimentais” realizados em algumas escolas, o autor afirma que, sem dúvida, a questão da altura dos sons foi a maior dificuldade encontrada pelos educadores.

Outro ponto importante a ser mencionado é que, nesta apostila, não foram incluídas atividades relacionadas ao canto, mesmo este sendo um ponto importante no currículo nacional deste país em questão. O autor lembra que, com isso não houve a pretensão de negar o fato de que muitos surdos podem cantar, entretanto, o objetivo foi aproveitar o tempo procurando desenvolver outras habilidades musicais com as quais todos poderiam ter contato de forma satisfatória desde o primeiro momento das aulas.

Segundo Paul, realizar atividades musicais com crianças surdas é algo maravilhoso, pois neste momento todos estão aprendendo juntos, explorando um mundo de barulho, silêncio, ritmo e som de uma forma criativa.

Considerações finais

Até o momento, através da análise deste material, podemos perceber a necessidade, ao menos em princípio, de que todas as atividades sejam apoiadas por uma parte visual, seja através da observação do professor tocando, para em seguida o aluno executar aquilo que visualizou, ou por meio de registros gráficos onde o aluno poderá compreender melhor como deve executar aquele trecho da música ou aquele ritmo trabalhado. Nota-se também que grande parte das atividades se utiliza também de instrumentos de percussão e, até mesmo de percussão corporal, propiciando através do toque no próprio corpo e, da utilização de instrumentos com sons mais graves, uma maior sensibilidade por parte dos alunos com relação aquilo que estão executando. Além disso, jogos, brincadeiras e demais atividades que se utilizem de movimentos, paralelamente ao fazer musical, sempre são bastante utilizadas.

Obviamente não teríamos como abordar mais questões neste artigo, até porque a pesquisa está ainda distante de ser concluída. Sendo assim, muitos aspectos ainda terão que ser mais investigados e aprofundados. Entretanto, podemos perceber pelas atividades realizadas pela MATD que, já ocorrem há mais de vinte e cinco anos, que definitivamente os surdos podem participar de forma satisfatória das atividades musicais. E no momento que tivermos qualquer dúvida, vale lembrar das palavras de Paul que, possui surdez profunda, ao dizer que seus ouvidos são úteis, mas eles não são as coisas mais fundamentais quando se trata de fazer música, pois ainda segundo ele, neste momento é o coração e a alma que realmente importam.

Esperamos assim que este trabalho sirva para inspirar cada vez mais os educadores musicais a buscarem formas de trabalhar a música com os surdos, pois se eles não se privam de viver esta experiência, por vezes considerada tão distante da sua realidade e do seu universo cotidiano, acreditando na sua capacidade de se expressarem também através da música, devemos estar cada vez mais preparados para que não sejamos nós o motivo de desencorajamento por parte destes.

Referências

BRASIL. Decreto nº 3298/99 de 20 dez. 1999. Regulamente a lei nº 7.853, de 24 de out. de 1989, dispõe sobre a *Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência*.

FINCK, Regina. *Ensinando música ao aluno surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva*. Porto Alegre, 2009. 234f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

SOBRENOME, Prenome(s) do Autor. *Título do Trabalho*: subtítulo [se houver]. Cidade, ano da defesa (se for o caso). Número de páginas [ex.: 123f.]. Dissertação (Mestrado em...) [ou Tese (Doutorado em...)]. Instituto, Universidade, Cidade, ano da publicação.

_____, Regina. Surdez e Música: será este um paradoxo? In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16, 2007, Mato Grosso do Sul. *Anais...Mato Grosso do Sul*, ABEM, 2007.

_____, Regina. Construindo a pesquisa: os caminhos metodológicos para identificar as práticas musicais desenvolvidas por professores de alunos surdos. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 17, 2008, São Paulo. *Anais...São Paulo*, ABEM, 2008.

FIOCRUZ, Jeanine B; MAGALHÃES, Liana. Possíveis estratégias para a educação musical de crianças surdas. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20, 2011, Vitória. *Anais...Vitória*, ABEM, 2011, p. 2013-2022.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus, 2003.

JOLY, Ilza Z. L. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. Centro de Educação. In: *Revista Educação*, vol. 28, nº 02, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2003/02/a7.htm>>. Acesso em: 14 de mar. 2010.

LULKIN, Sérgio. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PEREIRA, Sarita A. O surdo: caminho para a educação musical. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...Rio de Janeiro*, ABEM, 2004. p. 966-970.

SÁ, Nídia R. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SILÊNCIO. Batuqueiros do. Conheça os Batuqueiros através dos ensaios. *Blog Batuqueiros do Silêncio*, nov. 2011. Disponível em <<http://www.batuqueirosdosilencio.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 08 dez. 2012.

SILÊNCIO. Música e. *Projeto Música e Silêncio*, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.musicaesilencio.com.br/index.php/projetos>>. Acesso em: 10 dez. 2012.